

**1. Balanço geral do evento. Como avalia a interação entre stakeholders e a importância do mesmo para a região.**

A conferência realizada permitiu uma partilha entre os diversos níveis de cuidados, desde a prevenção primária e secundária, tratamento, evolução futura em termos de valor em saúde e impacto nos doentes e suas famílias. Juntou decisores, unidades de saúde, profissionais de saúde de diversos quadrantes, com participação de representantes da indústria, dos doentes e da sociedade civil. Esta visão alargada de temáticas e de intervenientes possibilitou uma aproximação de visões e uma sinergia de propósitos com vista à realização de projetos focados nos utentes e na mais valia colaborativa do envolvimento de todos os agentes. Permito-me ainda salientar que tivemos uma participação geograficamente alargada, com representantes do Serviço Nacional de Saúde, do Serviço Regional de Saúde da Madeira e do Serviço Regional de Saúde do Açores, o que também releva em termos de partilha de experiências tendo em vista a equidade nacional de acesso ao nível da oncologia, tendo-se revelado interessante a forma como os diversos participantes se envolveram durante e após o evento na discussão de potenciais projetos e parcerias futuras em diversas áreas. Numa realidade de isolamento geográfico estes eventos garantem pontes que permitem mitigar essa situação o que se torna vital para a Região Autónoma dos Açores.

**2. Qual é, na sua ótica, o valor dos diagnósticos / rastreios na perspectiva dos cuidados centrados no paciente.**

Naturalmente que o diagnóstico precoce é a forma mais eficaz e eficiente de ter sucesso nesta área, que permitirá garantir a maior sobrevivência, mas também a menor penosidade de tratamento possível para os doentes. Tendo em conta a evolução técnica e tecnológica cada vez mais as específicas características de cada paciente identificadas no diagnóstico serão decisivas na definição da resposta de precisão individualizada a adotar.

Colocar o paciente no centro dos cuidados será, por um lado, construir um sistema pensado para a proximidade, equidade e facilidade de acesso aos diagnósticos para, por outro lado, podermos dar ao utente a possibilidade de aceder a esses meios, mas também assumindo o controlo e a vontade de os procurar e de aderir aos programas precoces de diagnóstico que possam minimizar consequências futuras. É também a forma de garantir resultados baseados em valor, conseguindo o melhor *outcome* possível de forma sustentável.

**3. Como é que a inovação tecnológica e a própria indústria podem contribuir nesse sentido, como parceiros dos cuidados de saúde da região?**

A inovação em grande parte nasce da própria indústria. No entanto, esta deve ser dirigida efetivamente às necessidades dos pacientes, uma vez que só existe verdadeiramente inovação quando esta visa resolver um problema real na ótica dos utentes. Cada vez mais o desenvolvimento de soluções inovadoras de diagnóstico precoce, não invasivas, de novos biomarcadores que possibilitem deteção precoce, que sejam de fácil execução e implementação para garantir a proximidade e adesão dos pacientes são os desafios atuais.

Por outro lado, numa realidade arquipelágica como a nossa, a estes desafios acrescem ainda outros, como a escassez de profissionais de saúde ou de meios para prestar cuidados diferenciados (é bom lembrar que temos ilhas onde não existe um hospital). Nessa medida procuramos soluções e parcerias que tenham em conta a nossa realidade particular e que possam, através da inovação e tecnologia, garantir equidade de acesso, otimizando o mais possível os recursos humanos e técnicos e garantindo capacidade na Região para, em qualquer lugar, fazer face às necessidades exigências da medicina atual.